

“O PRESIDENTE QUE SABIA JAVANÊS”: UM RETRATO DE FHC POR CONY

*Janete Terezinha Ferron*¹

RESUMO

Fernando Henrique Cardoso, seu governo e o “contexto extraverbal” da política brasileira durante o período 1994-2000 constituem objeto de depreciação de Carlos Heitor Cony que, para efetivar essa desvalorização do discurso/imagem de FHC, dialoga com uma grande variedade de discursos sociais. A fala do autor não reflete uma realidade pré-existente, mas ele constrói seu objeto através do ponto de vista da carnavalização, utilizando paródia, ironia e humor. De um lado, há o discurso que é dito, criando uma imagem social de Fernando Henrique Cardoso; em contrapartida, outro objeto do discurso é constituído pelo não-dito, construindo, assim, uma auto-imagem do próprio autor. Desta forma, as crônicas de “O presidente que sabia javanês” são constitutivamente dialógicas, em constante embate com o já-dito e apresentam, no interior do mesmo discurso, dois objetos que são instituídos por meio do embate dos múltiplos discursos sociais.

Palavras-chave: análise do discurso; dialogismo; heterogeneidade discursiva.

ABSTRACT

Fernando Henrique Cardoso, his presidential term and the “extraverbal context” of Brazilian Politics during that period (1994-2000) constitute Carlos Heitor Cony’s object of depreciation. They are delivered through a great variety of social discourses, aiming to depreciate and devaluate them. The author’s language does not reflect a pre-existing reality but generates his object through a carnivalesque point of view, using parody, irony and humour. On one hand there is *what is said*, creating a social image of Fernando Henrique Cardoso and, on the other hand, there is another object of the discourse that constitutes *the unsaid* discourse, creating a self-image of the author. Thus, the chronicles

¹ Licenciada em Letras. Mestre em Letras, área de Estudos Lingüísticos pela UFPR. Professora do Departamento Acadêmico do CEFET-PR.

of the book *O homem que sabia javanês* are dialogic because they present inside the same utterances two objects that fight against the multiple social discourses to be established.

Keywords: discourse analysis; dialogism; discursive heterogeneity

Buscamos na figura de Fernando Henrique Cardoso (FHC) – ator-personagem de Carlos Heitor Cony² no livro *O presidente que sabia javanês*³ (OPQSJ) – a constituição de seu discurso e sua imagem; como esse discurso é construído pelo autor, os efeitos de sentidos instaurados e como essa configuração sujeito – sentido é representada pelo autor no discurso da crônica político-social. Nossa hipótese é de que tanto a construção discursiva como os diversos efeitos de sentidos apontam para o dialogismo e a heterogeneidade discursiva.

Carlos Heitor Cony, na construção discursiva de FHC, recupera e enquadra diferentes discursos, ora explícitos, ora “mascarados”, cabendo ao interlocutor o papel de resgatar via história, memória discursiva e interdiscurso os efeitos de sentidos aí instaurados.

O diálogo em OPQSJ inicia-se pelo próprio título do livro em que Carlos Heitor Cony, numa referência ao conto de Lima Barreto, associa o presidente FHC ao *homem que sabia javanês*⁴. Porém, com uma diferença: “o homem que sabia javanês sabia que não sabia javanês. FHC é o primeiro a acreditar que sabe javanês”.

Lima Barreto era um crítico mordaz da sociedade e da política do seu tempo, não poupando munição contra a ignorância vigente entre os cariocas do século XIX. No conto, um sujeito desempregado vê certo dia, num jornal, um anúncio que lhe chama a atenção. Precisavam de um professor de javanês. Induzido pela necessidade e pela possibilidade de obter um bom salário, o herói picaresco se faz passar por um professor da língua da distante ilha de

² Carlos Heitor Cony, nascido em 14 de março de 1926, no Rio de Janeiro, é autor de mais de 30 livros, entre romances, crônicas, contos, documentários e ensaios biográficos. Jornalista desde 1952, iniciou carreira no Jornal do Brasil, passando pelo Correio da Manhã, Revista Manchete e, atualmente, é membro do conselho editorial da Folha de S. Paulo, no qual publica suas crônicas. Em maio de 2000 foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras, assumindo a cadeira número 3.

³ *O presidente que sabia javanês* reúne 133 crônicas de Carlos Heitor Cony (e charges de Angeli), publicadas entre 1994 a 2000, na Folha de S. Paulo, enfocando o período de governo de Fernando Henrique Cardoso.

⁴ *Melhores Contos de Lima Barreto* / seleção de Francisco de Assis Barbosa. 8. ed. São Paulo: Global, 2002.

Java, e acaba conseguindo o emprego. Ele obtém tanto sucesso na nova profissão que conquista o cargo de respeitável funcionário de órgão público.

A ironia desse conto consiste no fato de a sociedade aceitar e respeitar aquele que aparenta douto saber que, além de atestado por títulos, é respaldado, muitas vezes, pela ignorância e pelo preconceito do próprio povo.

A julgar pelas crônicas de OPQSJ, de Carlos Heitor Cony, a ética que representaria aquela realidade distante pareceu ser moeda vigente também nos tempos de FHC. Tal qual Lima Barreto, Carlos Heitor Cony não economiza críticas e, sem se prender a nenhum compromisso com pessoas ou grupos, dissecou a personalidade política do sociólogo-senador, de Ministro da Fazenda à reeleição presidencial. E, na medida que o faz, o autor vai na contramão do discurso que sai em defesa de FHC como o supra-sumo do intelecto nacional e daquele que somente vê no sujeito com distinção acadêmica um presidente capaz de governar o Brasil.

Comparando-o a Collor, Hitler, Barrabás, dentre outros, Cony desvela, de crônica em crônica, a personalidade do ex-professor que “tem muito a ver com Barrabás” e que é o “único cidadão da República que no momento não pode falar em mão limpa. Afinal, de quem é a mão que assina[va] o expediente oficial, de onde saem os esqueletos que andam por aí?”

Assim, nessa construção discursiva de FHC em OPQSJ, por Carlos Heitor Cony, buscamos analisar: i) como se estabelecem as relações dialógicas nas crônicas e que efeitos de sentido podem ser resgatados pelos seus interlocutores através do entrecruzamento das vozes aí instauradas; ii) de que forma as diferentes vozes sociais se fazem presentes nas crônicas sobre FHC; iii) quais são essas “vozes” que se encontram mascaradas e que procedimentos formais foram utilizados para o enquadramento do discurso do outro.

A análise das crônicas – e/ou trechos delas – visa a estabelecer as relações entre as condições de produção do discurso e seus processos de constituição que permitiram que o texto fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros.

Do discurso, foram recortadas as seqüências discursivas ou enunciados⁵, que serão a unidade de análise, ou, como afirmou Mikhail Bakhtin (1929), *a unidade efetiva da interação verbal*. Os enunciados são elementos heterogêneos que identificam as posições de quem os produz. Assim,

⁵ Cabe ressaltar que não realizamos uma delimitação exata para as diferentes passagens que aqui recebem o nome genérico de “enunciado”. Ora equivale a uma crônica, ora a uma frase ou parte dela e, outras vezes, engloba duas ou mais frases, dependendo do contexto e dos propósitos da análise. Concordamos com Maingueneau que o enunciado pode ser “definido como a unidade de comunicação elementar, uma seqüência verbal dotada de sentido” ou “considerado como um equivalente de texto, ou seja, como uma seqüência verbal relacionada com a intenção de um mesmo enunciatador” (1996:54-5).

partindo desses pressupostos que envolvem os enunciados e o discurso como um *continuum* sócio-histórico, e a partir das considerações teóricas abordadas nesse trabalho que, acima de tudo não esgotam as questões sobre o discurso, foram, fundamentalmente, abordados na análise discursiva das crônicas: a heterogeneidade e a dialogização.

Entendendo que a crônica, via discurso, faz o registro dos acontecimentos sociais, fazendo história e resgatando a memória de um povo, a publicação em livro de *O presidente que sabia javanês* é mais do que um marco, é mais do que “esticar em livro o efêmero do jornal” – como se justifica Carlos Heitor Cony, no prefácio do livro. É antes, um registro histórico, uma vez que “são trabalhos datados, certamente incompreensíveis à geração mais nova. (...) além de uma reflexão contrária ao pensamento único do neoliberalismo globalizado, representa um momento de revolta proporcional ao nível de insensibilidade social que domina a cena brasileira neste fim de século” (CONY e ANGELI, 2000, p. 7-8).

A análise desenvolvida procura explicitar os mecanismos discursivos presentes nos textos que compõem o arquivo deste trabalho, buscando evidenciar as marcas implícitas e explícitas da heterogeneidade discursiva.

Já numa primeira e “descompromissada” leitura das crônicas como um todo, percebe-se que há um cruzamento de muitas “vozes” que “falam” nos textos. Essa heterogeneidade faz-se presente, inclusive, até na própria escolha do gênero textual⁶ feita pelo autor para materializar o seu discurso. Carlos Heitor Cony – cujo universo discursivo é constituído de muitos campos, o político, o religioso, filosófico, literário etc., os quais são trazidos para o interior de seu discurso – não enuncia o que enuncia nas crônicas de um lugar qualquer. Além de cânone da literatura brasileira, ele está, na enunciação das crônicas, produzindo o seu discurso de outro lugar, de outra posição que também não é comum: jornal Folha de S. Paulo, conceituado meio de comunicação, com abrangência nacional e internacional. É desse “lugar” social e histórico que o autor reveste seu discurso de “autoridade” para refutar o discurso de outra autoridade: FHC.

Na crônica *O teto e o pão*, o autor afirma não representar nenhuma instituição e apesar de “beliscar ao mesmo tempo na literatura e no jornalismo político”, define-se ideologicamente da seguinte maneira:

“Diante das misérias humanas, com o fracasso da monarquia e da república, da democracia e da ditadura em realizar a única missão urgente,

⁶ Essa afirmação se justifica tendo em vista a própria caracterização da crônica como um espaço heterogêneo: nela, convivem, simultaneamente, o pequeno ensaio, o conto, o poema em prosa, a narrativa, a notícia, dentre outros. Acreditamos que é justamente, nessa diferença, que reside a identidade da crônica.

vendo tanto velho sem teto, tanta criança sem pão, não me restou senão a alternativa de um anarquismo entristecido, humilde e inofensivo. (...) Sem disciplina suficiente para ser de esquerda, sem firmeza necessária para ser de direita, não me sinto confortável na imobilidade tática do centro. O que me sobra seria o anarquismo, que tem dois furos históricos. Primeiro, pressupõe a realização de uma utopia desvairada, a sociedade sem leis nem poder, cada qual cuidando do bem comum como a soma do bem pessoal. Segundo, de tão improvável na prática, o anarquismo gerou através dos séculos a caricatura do cara que joga bombas nas creches, tenta enforcar o último rei com as tripas do último papa. Como nunca tivemos anarquia estruturalmente definida e operada racionalmente, por exclusão desdenho a monarquia e a república, a ditadura e a democracia. Fico na minha: o teto e o pão para todos, seja lá como for, desde que com liberdade para ser do contra ou a favor” (Cony e Angeli, 2000, p. 184).

Para manifestar-se “contra” ou “a favor”, Carlos Heitor Cony revestiu-se de estratégias discursivas, pondo em cena, em seu próprio discurso, posições diversas, em que o diálogo, as diferentes vozes se fazem presentes e se constituem no pano de fundo para a materialização do seu discurso. Vejamos, portanto, a primeira crônica – e talvez a mais significativa do livro – *FHC sabe javanês*:

“Docemente constrangido, rubro de modéstia como um personagem de Nelson Rodrigues, o ministro da Fazenda admitiu o que todo mundo – ele próprio em primeiro lugar – sabia: se for “necessário”, será candidato à sucessão de Itamar Franco.

Foi recebido com foguetório em Goiânia e já está distribuindo cestas básicas. Até aí tudo bem. Pior é o discurso: ele fala como se fosse oposição, esquecendo-se de que é a principal posição do caos econômico que marca a situação. Tudo o que fala, politicamente correto é claro, ficaria bem em qualquer boca, menos na dele. Afinal, é nele que o governo colocou a responsabilidade de combater a inflação, a sonegação, a recessão e (para rimar) a esculhambação que paira sobre a vida da nação.

FHC lembra aquele homem que sabia javanês do conto de Lima Barreto. Precisavam de alguém que soubesse javanês, o cidadão apresentou-se e foi aceito. Como ninguém sabia javanês, ele ganhou fama e espaço na mídia: era o homem que sabia javanês e pronto. Comia de graça as empadinhas de camarão na Colombo, era recebido nos salões, dava palpites sobre qualquer assunto. De um homem que sabe javanês esperam-se coisas formidáveis. Exercia mais do que um ofício circunstancial:

era um sacerdote, um mago, um oráculo – tudo porque sabia javanês. A única diferença entre FHC e o personagem do conto é que o homem que sabia javanês sabia que não sabia javanês. FHC é o primeiro a acreditar que sabe javanês.

Esquecendo a ficção e enfrentando a realidade: o único trunfo do ministro em ter chance como candidato depende da queda da inflação. Ela só virá, agora, através de um truque igual ao do Plano Cruzado ou do Plano Collor, feitos para durar dois ou três meses. Tanto um como o outro foram uma espécie de cesta básica para tapear a fome também básica de imensa legião de esfomeados crônicos.

O açodamento de FHC pelo poder já lhe trouxe o vexame da Prefeitura de São Paulo, quando sentou-se antes do tempo numa cadeira que não era dele. Jânio Quadros dedetizou aquilo que ele chamava de “curul” – e isso me dá uma suspeita: talvez Jânio Quadros soubesse javanês” (1994 – *Um plano e um candidato, FHC sabe javanês*, 17/01/1994, p. 11).

Aparecem aqui alguns traços de construção discursiva que serão recorrentes nas outras e que irão marcar a posição crítica do autor em relação a FHC: a ironia em torno do predicativo “doce” (e derivados: “docemente”, “docilidade”, “dócil”) que o autor constantemente usa para referir-se ao presidente, bem como o fato (motivo do título da crônica e do próprio livro) de o presidente pensar que “sabe javanês” que também perpassa as crônicas. Características outras, é claro, serão acrescentadas – como por exemplo a comparação constante com o Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queiroz, na crônica “O guru do garboso” – e que serão a marca registrada do discurso do autor que se manterá fiel à sua posição de cronista crítico de FHC.

Destacamos, a seguir, algumas formas de heterogeneidade – em que o autor “categoriza” os enunciados como pertencendo à voz geral, a um ponto de vista marcado para efetivar discursivamente sua posição em relação a FHC. Imaginamos que esse tipo de destaque não deixa de incidir sobre – não só a construção discursiva de FHC - mas principalmente, as estratégias que um sujeito (Cony) utiliza para marcar sua posição de crítica a FHC e ao projeto que ele significa. Parece-nos que se está mais na linha do ditado: “O que Pedro fala sobre Paulo, revela mais sobre Pedro do que sobre Paulo”.

Assim, o locutor inicia a crônica jogando argumentativamente com a memória discursiva do interlocutor: recorre à associação entre FHC e personagens de Nelson Rodrigues. Tal procedimento exige que o interlocutor reconheça essa ligação entre os personagens e, a partir do reconhecimento da citação literária, transfira os sentidos para o momento histórico: FHC, ministro da fazenda, tal qual um personagem rodrigueano, reveste-se de candura, dissi-

mulação, castidade, fingimento para camuflar uma realidade. E a realidade, ou seja, “a vida como ela é (...)” não é levada ao palco, ou melhor, ao povo brasileiro: FHC quer sim ser candidato. Dissimulado, o personagem FHC reveste-se de ingenuidade para encenar aquilo que pensa sugerir: “se for necessário” será candidato à presidência. Essa expressão exige que o interlocutor busque na sua memória discursiva um outro discurso parecido: “se for para o bem geral da nação, diga ao povo que fico”, pronunciado por D. Pedro I quando do retorno da família imperial a Portugal. D. Pedro desejava permanecer no Brasil e ser seu mandatário – em Portugal não teria posição nenhuma, apenas seria o filho de D. João VI – e assim, para “justificar” seu desejo maior, pronunciou a frase que se tornou conhecida como o “Dia do fico”. Tal qual D. Pedro, FHC também deseja imensamente ser o chefe da nação, mas não declara abertamente, pois realmente acredita que “sabe javanês”.

Seguindo esse mesmo raciocínio, outra citação da Literatura Brasileira serve como instrumento para a construção de mais um trecho irônico na crônica. Em “FHC lembra aquele homem que sabia javanês do conto de Lima Barreto (...)” e “de um homem que sabe javanês esperam-se coisas formidáveis”, o locutor deixa uma pista intertextual para que o interlocutor faça a relação entre a atitude de FHC e a do personagem de Lima Barreto. Por meio dessa associação, o interlocutor interpretará que, como o “homem que sabia javanês”, sua atitude é de um sujeito que detém grande conhecimento, capaz de realizações ou, como prefere o locutor, de quem “esperam-se coisas formidáveis”. Nesse “esperam-se” fica claro que a esperança aí nutrida não é somente do locutor, mas há uma outra voz – a do povo brasileiro – que está marcada implicitamente.

No segundo parágrafo, o locutor coloca-se à distância do enunciado e numa posição de observador, dando vozes a outros enunciadores, inclusive a FHC (“politicamente correto, é claro”): é o discurso indireto livre que aí é construído. O enunciado “e já está distribuindo cestas básicas” implica dizer que FHC já incorporou a idéia de ser candidato (mesmo afirmando em público que não o é, ainda) e, também, remete à formação discursiva antagônica ao do locutor de que, em sendo candidato e como estratégia de vencer a eleição, distribui cestas básicas. No entanto, utilizar-se desta estratégia eleitoral não é o pior: “até aí tudo bem” – o locutor aqui “perdoa” este tipo de atitude, mas refuta o discurso (“pior é o discurso”) que “ficaria bem em qualquer boca, menos na dele”. Trata-se aqui de outra voz, outro enunciador; aquele que julga, critica.

Por fim, destacamos uma marca explícita de metalinguagem em que o enunciador, ao exteriorizar o seu discurso, remete-o à língua: “Afinal, é nele que o governo colocou a responsabilidade de combater a inflação, a sonegação, a recessão e **(para rimar)** a esculhambação que paira sobre a vida da nação”.

Outro exemplo é a crônica intitulada *O golpe e o crime*, em que se encontra uma forte marca do diálogo que o locutor realiza com as próprias crônicas: a primeira-dama também é apresentada como a “doce constrangida” tal qual o marido FHC - o “docemente constrangido e rubro de modéstia”:

“Docemente constrangida, dona Ruth afinal admitiu que é a favor não apenas da reeleição como tese, mas da reeleição-já para seu marido.

Com modéstia, revelando falta de ambição, confessou que para ela seria melhor pensar em outra coisa, ir para casa cuidar dos netos, essas coisas. Mas se vai haver reeleição - na opinião dela - , a nova norma constitucional deve valer para o esposo, pai de seus filhos, avô de seus netos. Comovente. As lágrimas enchem-me os olhos.

Há uma lei moral não escrita - e às vezes escrita - que é obedecida até pelos maiores gângsteres da máfia, dos antros do jogo, dos bicheiros, dos traficantes: iniciado o jogo, não se mudam as regras. É a garantia mínima de que haverá uma lei maior acima das questiúnculas que poderão surgir no decorrer da partida.

A estratégia de FHC para descolar um novo mandato não é casuística: é golpista. Conhecemos a mecânica desse golpe: um presidente civil ou militar localiza a fonte do poder, seja nas casernas, seja no capital externo, seja nos interesses empresariais e da elite dirigente. Passa a governar para esses setores, cumulando-os de agrados. E obtém a continuidade do poder, uma vez que militares, capital externo, empresários e elites, que tanto temem o caos, só ficam tranquilos quando o governante faz o pacto sinistro: “Evito o caos, mas vocês me apóiam até o final dos tempos”.

Essa fórmula é velha, não tem inteligência alguma, nem criatividade. Cabe muito bem a FHC: ele acha que descobriu a pedra filosofal, o elixir da juventude que o manterá no poder enquanto o pacto durar.

Tudo bem. Parodiando Mozart, assim fazem todos os governantes para os quais o poder justifica o crime ou o golpe. Pode parecer exagero falar em crime em se tratando da pessoa pacífica do atual presidente. Mas golpe continuado, mais cedo ou mais tarde, termina em crime” (1997 – *Tudo pela reeleição, O golpe e o crime*, 12/1/97, p. 61).

O locutor constrói a ironia desta crônica com as mesmas escolhas na escala argumentativa feitas na primeira: “Docemente constrangida, dona Ruth afinal admitiu que é a favor não apenas da reeleição como tese, mas da reeleição-já para seu marido”.

Assim, ao fazer essa referência interna entre as crônicas, usando neste caso o mesmo predicativo, o locutor reveste o seu enunciado de significados outros, numa espécie de emprego ambíguo do discurso. Dessa forma, o

“docemente constrangida” não significa a expressão de alguém que se constrange ou que se demonstra doce, mas através do reconhecimento de um segundo contexto criado pelo locutor e, conseqüentemente da consideração, via discurso, de um outro discurso, implica dizer que, esse “docemente constrangida” caracteriza dona Ruth Cardoso (e FHC, obviamente) como alguém que não pode perder a soberba, o orgulho, a arrogância. E é essa, talvez, a síntese do pensamento do locutor (Carlos Heitor Cony) em relação a FHC: o doce constrangido; logo, o imponente, o soberbo da nação.

No segundo parágrafo da crônica, a ironia continua. Novamente a construção se dá pelo típico discurso bivocal, ou seja, o enunciado adquire duplo sentido. Assim, quando o locutor descreve a posição de dona Ruth Cardoso diante da possibilidade da reeleição de seu marido,

“Com modéstia, revelando falta de ambição, confessou que para ela seria melhor pensar em outra coisa, ir para casa cuidar dos netos, essas coisas. Mas se vai haver reeleição - na opinião dela - , a nova norma constitucional deve valer para o esposo, pai de seus filhos, avô de seus netos. **Comovente. As lágrimas enchem-me os olhos”**.

Ele não está apenas dizendo algo pelo enunciado e, portanto, remetendo à enunciação, mas também, e sobretudo, ele volta-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma idéia oposta no mesmo instante em que ela é enunciada. Portanto, a mesma enunciação serve para dizer “X” (enunciado em negrito) e, simultaneamente, para dizer o seu contrário, devido ao valor argumentativo oposto das enunciações. Mais uma vez, por intermédio da ironia, cabe ao interlocutor interpretar esse enunciado como uma pluralidade de vozes orientadas pelo eixo da contradição, da oposição de sentidos. Em consonância com Bakhtin (1929-1963), pode-se dizer que nesses predicativos “com modéstia” e “falta de ambição” há uma arena em que se confrontam e lutam dois pontos de vista, dois discursos opostos: aquele do locutor (que finge compactuar com o discurso de dona Ruth Cardoso que se coloca na condição de “modesta”) e o outro aí instaurado pela ironia. Ainda nesse parágrafo, o locutor introduz via discurso indireto a “fala” da primeira-dama, usando para isso o verbo “confessar” que, segundo Maingueneau (1987), apoiado em M. Charolles, não é um verbo neutro, mas veicula pressuposição que nesse enunciado ocorre sobre o ponto de vista de dona Ruth Cardoso, atribuído pelo locutor, face ao que ela diz “confessar”. Assim, “ir para casa cuidar dos netos” e “já que haverá reeleição a nova norma constitucional deve valer para o esposo, pai de seus filhos, avô de seus netos” poderiam estar entre aspas, como discursos citados pelo locutor. No entanto, ele se situa numa posição de observador que, ao mesmo tempo, mostra-se solidário ao discurso relatado para no final, provocativamente, ironizar, desprezar o discurso da primeira-dama: “Comovente. As lágrimas enchem-me os olhos”. É sob esse fundo

impregnado de ironia que o locutor, através de sua apreciação em relação ao discurso de dona Ruth Cardoso, deixa implícito o seu discurso antagônico àquele da enunciação. Portanto, dois discursos encontram-se aqui entrecruzados: o discurso literal de dona Ruth Cardoso apresentado pelo locutor e outro discurso aí instaurado, irônico.

Já no terceiro parágrafo, o locutor situa-se numa posição de juiz para refutar o discurso da reeleição possibilitada pela mudança da lei durante o mandato de FHC para que ele se autobeneficiasse: "há uma lei moral não escrita - e às vezes escrita - que é obedecida até pelos maiores gângsteres da máfia (...)" A glosa inserida pelo enunciador marca, evidentemente, essa alteridade.

Na seqüência, o enunciador continua a argumentação contra a reeleição de FHC e inicia o parágrafo com uma negação polêmica: "A estratégia de FHC para **descolar** um novo mandato **não é casuística** : é golpista".

A polêmica aqui instaurada, segundo a AD, se dá porque representam posições de sujeito formadas por formações discursivas antagônicas, decorrentes do confronto entre práticas discursivas sociais. Assim, no caso o locutor, ao assumir um ponto de vista que defende que "a estratégia de FHC para descolar um novo mandato não é casuista" e, simultaneamente, opor-se ao ponto de vista contrário – "a estratégia é casuística" – está refutando um possível enunciado de outra formação discursiva. Negando uma afirmação e reafirmando uma antagônica, o locutor justifica seu ponto de vista (por oposição) ao caracterizar a atitude de FHC como "golpista". E continua a sua explícita caracterização: "conhecemos a mecânica desse **golpe**". Logo, e por extensão, FHC é **golpista**. Com essa estratégia discursiva, Carlos Heitor Cony também fecha o discurso sobre FHC, ou seja, não deixa brechas para outras possibilidades de sentido ("é golpista, sim, e está encerrada a discussão!").

Nesse mesmo enunciado ("conhecemos a mecânica desse (...)"), queremos chamar a atenção para o verbo utilizado pelo locutor na primeira pessoa do plural: "**conhecemos**". "Nós", quem? Com quem o locutor está dialogando? Ao assumir a perspectiva de um enunciador genérico, o autor (Carlos Heitor Cony) ao mesmo tempo em que pode se referir a uma coletividade (eu + eles)⁷, no caso específico de uma crônica publicada em jornal, pode referir-se ao enunciador e seu enunciatário (eu + tu), o que realmente funciona como uma dupla ancoragem do ponto de vista expresso no enunciado: a afirmação respalda-se tanto em um discurso dado como universal, de um conteúdo conhecido e aceito por todos, bem como apela para uma responsabilidade compartilhada entre o "eu" e o "tu" (no caso Cony e seu leitor). Há um outro diálogo possível entre o locutor e o próprio objeto (FHC) que só pode ser

⁷ Esta coletividade referida pode ser "nós brasileiros", "nós eleitores", "nós politizados" ou "nós que já vivenciamos uma história parecida e por isso *conhecemos* esse golpe".

interpretado se o interlocutor, via memória discursiva, for resgatar na história a atuação política de Carlos Heitor Cony e FHC: ambos viveram o Golpe Militar de 64 e, por consequência, o regime ditatorial; ambos foram exilados e ambos “conhecem a mecânica desse golpe”. É como se o locutor, implicitamente, dissesse: ”Eu e você (FHC) *conhecemos...*” e você sabe o que está fazendo, ou seja, está repetindo o golpe. Portanto, essa forma de generalização através do “nós”, é um “dizer com”, é um discurso que se agencia apelando a outros discursos: o universal e o creditado ao interlocutor, cuja voz aí evocada, marca a presença do outro. Essa marca plural do “nós” faz-se presente em muitas crônicas do livro, sempre como uma estratégia de agenciamento, de aliciamento do interlocutor.

A seguir, ainda no mesmo parágrafo, o locutor avança sua argumentação na crítica à estratégia de FHC manter-se no poder. Nesse momento, ocorre uma quebra na cadeia discursiva com a citação de um discurso direto:

“E obtém a continuidade do poder, uma vez que militares, capital externo, empresários e elites, que tanto temem o caos, só ficam tranquilos quando o governante faz **o pacto sinistro: ‘Evito o caos, mas vocês me apóiam até o final dos tempos’**”.

Porém, o discurso que o locutor cita entre aspas como sendo de FHC, não foi dito por ele, ou seja, o locutor a partir de um contexto dado, agencia um discurso apropriado à formação discursiva de FHC e o insere como dito, numa estratégia de desvelamento. Assim, considerando que o locutor situa-se numa formação discursiva antagônica à de FHC, ele traduz a fala do presidente a partir da grade de interpretação de sua própria formação discursiva, ocorrendo o que Maingueneau (1987) denomina de uma “troca” ou mesmo uma esgrima de estratégias lingüísticas. Se, por um lado, os não-ditos, subentendidos e pressupostos das falas de FHC são por este usados para poder dizer sem ser acusado de ter dito; o locutor (Carlos Heitor Cony), por sua vez, também lança-mão de estratégias – nesse caso, a citação entre aspas - que obrigam o interlocutor a ler o que FHC disse/não disse, tornando-o, de certa maneira, responsável por isso. Outrossim, pode-se até especular que não está em jogo aí o FHC empírico (real, concreto, que disse ou deixou de dizer alguma coisa), mas aquele construído discursivamente por Carlos Heitor Cony ao longo das crônicas, a partir da lógica interna de sua formação discursiva, de seu lugar como sujeito histórico, social. Podemos dizer, então, que FHC é uma construção discursiva, no entanto, ele também é parte do real; ele existe materialmente. Daí concordarmos com Mikhail Bakhtin que afirma que o discurso refere e refrata a realidade.

Finalmente, o tom explícito dessa crônica é a ênfase da crítica ferina, feroz a FHC – ressalta-se que esta não é a mais ou uma das mais fortes para contradizer FHC. Parece-nos que Carlos Heitor Cony chega a um estágio em

que não mais usa de artifícios linguísticos (a não ser a ironia, sua marca registrada) ou eufemismos: cai o véu de FHC, e Cony também “bate” explicitamente. Um dos recursos mais usados da heterogeneidade constitutiva nas crônicas de OPQSJ é a ironia, recurso efetivado através de um embate dialógico que reporta os sentidos dos acontecimentos da vida imediata, bem como o momento histórico que os impulsionam e os associa a personagens (reais e fictícios) de outras épocas.

Dialogando com o passado e o presente, através da memória discursiva, Carlos Heitor Cony faz um paralelo entre outros momentos políticos da história brasileira (especialmente o da ditadura militar) e o período de governo de FHC, não somente visando aos fatos, mas essencialmente os sentidos impressos a partir destes, ora no sentido irônico, ora comparativo. Uma constante, também nas crônicas de OPQSJ, consiste na inversão de ordem polêmica em relação ao discurso de FHC. Cony remete o seu discurso à própria memória vivida – e à de seus interlocutores – para instaurar uma situação de contraste ou comparação com os fatos emergentes da época da enunciação, gerando novos efeitos de sentidos. Ainda no procedimento da ironia, o locutor tanto se serve da ambigüidade de determinados enunciados, quanto da negação do lugar do outro pelo devastador papel do riso.

Algumas vezes, o locutor faz uso do discurso relatado em estilo indireto. Em sua enunciação, ecoam outras vozes, o que o redime da responsabilidade a respeito do que é dito, já que, em princípio, “os outros” aí presentes é que “dizem”; não ele (autor, Carlos Heitor Cony). Outras vezes, as aspas são abertas, e o texto passa a ser relatado em estilo direto; a alteridade é demarcada, e tudo pode ser dito. A ironia, então, se concretiza ora pelas críticas, ora por comparações, e na maioria das vezes só pode ser percebida pelo interlocutor que tem conhecimento a respeito dos assuntos abordados, e dos discursos que são enquadrados pelo locutor.

Como heterogeneidade mostrada, nota-se que, em muitas crônicas, o locutor circunstancialmente migra da primeira pessoa do singular “*eu*” para a primeira pessoa do plural “*nós*”. Assumindo este “*nós*”, o locutor revela ao interlocutor que a realidade em questão é coletiva e que atinge toda a sociedade, o que caracteriza um chamamento para a co-responsabilidade.

Outra característica marcante em OPQSJ é o uso de nomes e características de pessoas reais, geralmente conhecidas pela História e/ou veiculadas nos principais meios de comunicação. Entre escritores, filósofos e políticos, os mais recorrentes são Eça de Queirós, Getúlio Vargas, Fernando Collor de Mello, personagens bíblicos, dentre outros. Eles se instauram como um recurso de discurso de autoridade para o sujeito da linguagem compor a sua leitura crítica dos fatos imediatos e de seu objeto (FHC). E, para construir a grande maioria dessa discursividade, a particularidade que se sobressai, como já dissemos, é o uso da ironia que faz-se sentir especialmente quando o locutor

desconstrói o discurso e a imagem de seu objeto – num gesto de destronamento da figura do presidente FHC.

Os personagens da Literatura “O homem que sabia javanês” (de Lima Barreto) e o famoso “Acácio” (de Eça de Queirós) são recorrentes nas crônicas, os quais são associados ao também “personagem”, FHC. Além disso, o locutor seleciona outros termos para reportar-se e construir discursivamente FHC, o que muito nos chamou a atenção, uma vez que, à medida que as crônicas avançam – e os problemas sociais também – os predicativos vão perdendo a sutileza e tornam-se mais ferozes ironicamente: o “doce constrangido” torna-se o “golpista”, o “mão suja”. Obviamente que, o locutor ao referir-se a FHC como “o doce constrangido e o rubro de modéstia” não adotou o sentido denotativo dos termos, mas irônico: aquele que está acima das misérias humanas, o soberbo, o fingidor, o cínico.

Assim, os predicativos selecionados pelo locutor para referir-se a FHC estão também referindo o real. É a linguagem refratando e referindo a realidade (Bakhtin, 1929). Privatizações, corrupções, reeleição, promessas não cumpridas, ações do governo em desacordo com seu discurso, problemas de ordem social, econômica e cultural, enfim, todo o contexto nacional desse período reflete nas crônicas cuja linguagem torna-se mais agressiva.

Além disso, há também a questão das imagens que são construídas discursivamente: a imagem de si (locutor), a imagem que ele faz de seu interlocutor e da situação em que produz o seu discurso⁸. É o que Pêcheux (1969) chama de jogo de imagens de um discurso⁹.

Acreditamos que, em OPQSJ, há a constituição desse “jogo de imagens” ao longo das crônicas, uma vez que o locutor, ao construir a imagem de seu objeto (FHC), a partir do lugar que ocupa, das condições de produção de seu discurso e da imagem que faz de seu interlocutor (e este do locutor), constrói discursivamente também (mesmo que de modo implícito), a própria imagem (dele, autor = Carlos Heitor Cony)¹⁰.

⁸ Não se pode esquecer que as crônicas foram produzidas inicialmente para publicação na Folha de S. Paulo (jornal de circulação nacional) e, obviamente, é uma condição privilegiada de veiculação de discurso/imagem e dos efeitos a serem produzidos.

⁹ Sobre o jogo de imagens de Pêcheux (1969), reproduzimos aqui a divisão, em dois blocos, feita por Mussalim: “1. A imagem que o sujeito, ao enunciar seu discurso, faz: a) do lugar que ocupa; b) do lugar que ocupa seu interlocutor; c) do próprio discurso ou do que é enunciado. 2. A imagem que o sujeito, ao enunciar seu discurso, faz da imagem que seu interlocutor faz: a) do lugar que ocupa o sujeito do discurso; b) do lugar que ele (interlocutor) ocupa; c) do discurso ou do que é enunciado.” (Mussalim, 2001, p.137)

¹⁰ Cabe lembrar, no entanto, que nesse jogo de imagens, o discurso do locutor não está pré-constituído, mas vai sendo delineado à medida que se constitui o próprio discurso, ou seja, as imagens são construídas no próprio processo discursivo.

Nesse sentido, selecionamos algumas expressões (ver quadro anexo) utilizadas pelo locutor para referir-se a FHC e, portanto, mais que simples exercícios de “referenciação”, os predicativos selecionados por Carlos Heitor Cony *significam*, manifestam atitudes de rejeição, de valor.

A partir de uma relação resumida de expressões utilizadas por Cony para referir-se a FHC – e dos conceitos apresentados – nossa hipótese é a de que, o discurso sobre FHC, bem como sua imagem, vão sendo construídos em OPQSJ, também a partir do contexto político-social da época (ou conforme afirmou Bakhtin (1929), refratando e referindo a realidade).

E nesse caso, a construção discursiva realizada por Cony decorre: da situação em que se produz esse discurso (crônica político-social para a Folha de S. Paulo); da posição que o locutor ocupa e da imagem que ele faz de si (Carlos Heitor Cony, o escritor); do interlocutor (leitores) e de seu objeto (FHC, Presidente da República). Assim, as escolhas que o autor faz para referir-se ao presidente refletem, principalmente, os efeitos que pretende produzir: uma imagem negativa e outra positiva (de FHC e a do próprio autor, respectivamente).

Cabe ressaltar, ainda, que as expressões predicativas selecionadas pelo autor (e não outras) para a construção de seu discurso, implicam na manifestação de valor negativo em relação a FHC. Mais do que referenciar o objeto, esses adjetivos/substantivos *significam*. Nossa hipótese – e já afirmamos isso neste trabalho – é que, à medida que os mandatos presidenciais de FHC se sucedem e os problemas nacionais permanecem sem solução (inclusive aprofundam-se), o autor, sucessivamente, seleciona formas cada mais agressivas¹¹ para realizar a crítica a FHC: o “docemente constrangido” vai tornando-se um “espécime saído de laboratório; torna-se o “mais nefasto” dos políticos, um verdadeiro “déspota assumido”, o “Barrabás, um “golpista” e encerra o segundo período de governo sendo o presidente “mão suja” – “o único cidadão da República que não pode falar em mão limpa” (p. 195).

Portanto, considerando as sucessivas expressões selecionadas pelo locutor na construção de seu discurso sobre FHC, podemos dizer que elas ao desqualificarem o presidente, exaltam, de certa forma, a imagem do próprio autor. E, qual é a imagem que o locutor, ao enunciar seu discurso sobre FHC, faz da imagem que seu interlocutor faz? Obviamente não é possível saber qual é a imagem que o locutor faz de seus leitores – e estes do autor – e do que está sendo enunciado. No entanto, as formas citadas no quadro em destaque – dentre outras – podem ser claramente interpretadas pelo interlocutor como

¹¹ No QUADRO 1 destacamos em negrito alguns desses predicativos. Estamos especulando que, a partir de 1998 – quando FHC assume seu segundo mandato presidencial – a crítica de Cony torna-se mais feroz e os predicativos também passam a ser mais “pesados”, culminando com o “mão suja” (“desonesto”, “ladrão”, “criminoso”), em 2000.

fortes **argumentos contra FHC**. Sendo assim, fica evidente que as diferentes expressões não foram aleatoriamente selecionadas pelo autor para referir-se a FHC: equivalem a uma crítica ao período de seu governo, bem como uma caracterização negativa da figura do próprio presidente.

Quanto à imagem que o interlocutor possa fazer do locutor e de seu discurso, o autor justifica-se:

“Semana passada, rolaram no ‘‘Painel do Leitor’’ **algumas cartas contra e a favor de minhas críticas ao presidente da República**. (...) Tanto na carta que me criticou como nas duas que me defenderam, há referências ao ódio que nutro contra o atual ocupante do Alvorada. Lamento ter dado essa impressão. Falo mal dele, sempre o critico, mas é apenas no momento em que ligo o computador e a telinha prateada me convoca para mais uma crônica. (...) Eu não preciso inventar nada. **Basta pegar qualquer jornal, ler uma linha de qualquer seção e ali encontro motivo para desancar o presidente**. (...) Um cara que se esbofa para ocupar o poder merece ser cobrado, criticado e até mesmo, em certas ocasiões, desprezado. Mas nunca odiado, a menos que seja um assassino ensandecido, como Hitler. Táí: falei mais uma vez em Hitler. Gosto de comparações no limite. Elas simplificam a coisa e aí posso desligar a telinha“ (*O Bei de Túnis*, p. 132, grifo nosso).

Assim, mesmo que o locutor não consiga agradar à totalidade de seus interlocutores, pelo menos boa parte deles, identifica-se com o discurso do autor que, em certo sentido, “diz o que os leitores querem ouvir”. (Possenti, 1988, p. 148). E, para não desagradar aos que criticam sua opção por efetivar a crítica ao presidente da república, o locutor defende-se, dizendo que ela apenas se dá “no momento em que ligo o computador”. É como se fosse uma tentativa de justificar e amenizar as críticas perante os interlocutores contrários.

Já em outra crônica, quando a persistência pelo mesmo assunto (FHC) é questionada pelos leitores, Carlos Heitor Cony, responde:

“Reclamam do cronista a insistência (que um dos leitores chamou de ‘diuturna’) em criticar o governo em geral e o presidente da República em particular. (...) Como nada neste mundo é unânime, e, segundo Machado de Assis, tudo é possível, **também recebo apelos para continuar exercendo o ofício de molhar os cavalos que estão na chuva para isso mesmo: serem molhados. Ou molhados** - usando uma das coisas que mais detesto, que é o trocadilho. A leitora Maria Clélia Carline, de São Simão (SP), diz em carta que, quando vê as iniciais ‘‘FHC’’ nos meus combatidos textos, passa adiante - no que faz muito bem. Se pudesse,

eu também passava. (...) Acredito que também desagradou àqueles que acham que volta e meia perco o rumo e gasto o espaço deste jornal falando de assuntos que não interessam a ninguém, a não ser a mim próprio: moças malcomportadas, santos de minha devoção, as manhãs da Lagoa e outras banalidades do meu cotidiano igualmente banal. Há muito perdi a esperança de contentar os outros. **E raras vezes consigo contentar a mim mesmo**” (*Crítica e autocrítica*, p. 160, grifo nosso).

Deste modo, com a mesma ironia com que faz a crítica a FHC e a seu governo, o locutor também justifica-se junto ao público leitor, numa tentativa de convencê-lo de que a opção por tal objeto não é dele, mas uma mera “fatalidade”. O governo existe, os problemas também; logo, devem ser “malhados”. Finalizando, o locutor *confessa* que não consegue “contentar” a todos, tampouco a si mesmo e, “se pudesse”, abordaria outros assuntos mais “banais”.

Portanto, podemos postular que, explícita ou implicitamente, diferentes discursos são articulados nas crônicas – que assumem a natureza dialógica (e polêmica) do discurso – para a construção discursiva de crítica ao governo FHC. Cabe ao interlocutor, a partir de sua competência de leitura, reconhecer esses discursos e instaurar os efeitos de sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUTHIER-REVUZ, J. (1990) Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, UNICAMP/IEL, n. 19, 1990.
- BAKHTIN, M. (1979) *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. (1975) *Questões de literatura e estética* (a teoria do romance). 5. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2002.
- _____. ((VOLOCHINOV) (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999
- BARRETO, Lima. *Melhores contos de Lima Barreto*. São Paulo: Global, 2002.
- CÂNDIDO, A. [et al] *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CONY, C. H. e ANGELI. *O presidente que sabia javanês*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- FARACO, C. A. e NEGRI, L. (1998) O falante: que bicho é esse, afinal? In: *Letras*, n. 49. Curitiba: UFPR, p. 159 -170.

FOUCAULT, M. (1969) *A arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. (trad. de Luiz Felipe Baeta Neves)

_____. (1971) *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998. (trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio)

GADET, F. & HAK, T. (orgs.) (1983) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, E. (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, D. (1998) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (1987) *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997.

_____. (1996) *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MUSSALIM, F. *Análise do discurso*. In: MUSSALIM, F e BENTES, A. C. (org.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. (1983a) A Análise de Discurso: Três Épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. (1983b) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. (trad. de Eni P. Orlandi)

QUADRO 1 – Expressões utilizadas pelo locutor para referir-se a FHC

EXPRESSÃO PREDICATIVA	CRÔNICA	DATA
<i>Docemente constrangido</i> homem que sabe javanês	FHC sabe javanês	17/01/94
animal político Collor metido a light melhor candidato / pior presidente	Informação de cocheira	03/09/94
acácio o conselheiro garboso senhor de 60 e tantos anos	O guru do garboso	11/01/95
Neoliberal de carteirinha	Neoliberal é a vovozinha	17/02/95
Espécime saído de laboratório, Frankenstein incruento, artificial e maligno presidente escravo de acordos e interesses	Fisiologismo ideológico	27/04/95

EXPRESSÃO PREDICATIVA	CRÔNICA	DATA
político tradicional	O poder pelo poder	19/01/96
bom de garganta	Garganta profunda	09/02/96
Sociólogo-presidencial, apenas um sociólogo	Frases	13/03/96
o grande culpado	O grande culpado	20/04/96
o mais fisiológico dos políticos brasileiros, o mais nefasto	O grande fisiológico	07/06/96
dono da pedra filosofal	Comida e tristeza	30/11/96
Executivo do investidor estrangeiro testa de ferro do Imperialismo	Velhas palavras	04/12/96
ex-sociólogo esquerdista	A velha modernidade	01/04/97
cinismo operacional ⇒ cínico	Dois presidentes	20/07/97
varão de Plutarco da economia do mercado	Assim é fácil	10/02/98
Déspota assumido	Déspota assumido	14/02/98
Príncipe dos sociólogos	A era dos pacotes	28/02/98
servo do poder	Servo do poder	12/04/98
político fisiológico e voraz	O direito da fome	04/05/98
Coronelão das velhas oligarquias	Ordem e cesta básica	10/05/98
homem de confiança do verdadeiro poder	Collor e FHC	30/08/98
Barrabás	Barrabás, outra vez	07/10/98
um neocapitalista, um kennediano, um entreguista	O labirinto de Glauber	24/10/98
Oportunista profissional Contínuo bilingüe	Afinal, quem foi eleito?	03/11/98
Bichado politicamente	Crise de poder	17/01/99
Dependente integral do PFL e PMDB Presidente medíocre presidente fraco	Cabeça e caneta	31/05/99
Aprendiz de feiticeiro	Aprendiz de feiticeiro	28/08/99
Governo sem imaginação Governo incapaz	Idéia fixa	07/10/99
Golpista	Golpe de cima	04/05/00
Aventureiro do poder	"Esqueçam o que eu fiz"	21/06/00
Relações públicas, bem falante, fluente em idiomas, simplicidade, meio gozador	O rei e a rainha	17/07/00
uma espécie de legume , de poder vegetativo, refém de seus amigos e aliados	Os Gregórios	22/07/00
Insensível ao ridículo mão suja	Mão suja	29/08/00